

**Memorial apresentado ao
Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada
para o Concurso de Efetivação em
Teoria Literária e Literatura Comparada
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo**

Ivone Daré Rabello

1999

Nascimento e heranças

Em 23 de novembro de 1953 a família Daré Rabello se completava. Sem que pai, mãe e agora os três filhos o soubessem, terminava por ali a geração daquele núcleo, composto por Francisco - o pai cearense – e Deolinda – a mãe vinda do interior de São Paulo após a crise que, em 29, retirara do patriarca José o pouco que conseguira amealhar com a produção de café. Francisco migrara de Juazeiro de Baixo, cansado decerto da lida no campo com seus irmãos; chegando a São Paulo sem eira nem beira tornou-se cobrador de bondes da *Light and Power*, sempre pendurado nos estribos e na confiança em sua força de trabalho. Deolinda era a costureirinha do Brás moradora da Penha, em tempos em que os escritores não se fascinavam mais com os pitorescos personagens da cidade moderna e denunciavam a face atrasada de nosso desenvolvimento. Francisco e Deolinda se encontraram no bonde, no trabalho ou a caminho dele. Unidos também na mesma crença no "labor", formaram família. Em alguns poucos anos, ao final dos anos quarenta e início dos cinquenta, a família construía seus ícones. Em plena era getulista, a idolatria ao "pai dos pobres" ficava de herança ao homenzinho da família, e o bebê foi compelido a carregar o nome "Getúlio". Também outras tradições, mais antigas, permaneciam: a filha mais velha fora batizada com o nome da avó materna. A mim, filha mais nova, couberam outros laços: o nome da caçula homenageava a madrinha - espécie de proteção contra a doença do pai que se manifestara meses antes.

Na crônica familiar pouco original, ficam gravados alguns traços da história da gente miúda de onde me origino: migração para o Sul e para a capital, ilusões do trabalhador com a política getulista e, posteriormente, com o desenvolvimentismo dos anos JK, vínculos familiares oriundos de tradições rurais e mimetizados aos pedaços no novo ambiente da vida, pequenos compadrios, a fé no trabalho duro e na promessa de que nobreza, dignidade e ascensão social efetiva poderiam surgir dele. Na saga desses pequenos, as decepções vinham sempre acompanhadas de certezas prospectivas: aos filhos seria dada a carreira do estudo - o trabalho duro que competia às crianças. Para esses pais que mal haviam pisado na escola, o futuro fértil dos filhos seria adubado com a "cultura", nome que se dava à escolarização completa. Para eles, doutor era sinônimo de homem "culto", estudado, bom e importante.

Novo lar: família e escola primária e ginásial

A morte prematura de Francisco, em 1954, dificultou o caminho, mas não diminuiu a confiança de Deolinda, que voltou às costuras no Brás. Encerrara-se a prole dos Daré Rabello mas não a vontade de que os filhos realizassem os sonhos.

Alguns anos depois, o segundo casamento de minha mãe trouxe relativa acomodação financeira à família e novas leis: André, italiano alegre e trabalhador, preenchia para mim o lugar do pai que mal conhecera e sobre quem ouvia histórias de severidade. (Quando li "O peru de Natal" pela primeira vez perguntei-me se Francisco não seria também, a seu modo, como o pai de Juca, sem se importar com "um vinho bom, uma estação de águas, coisas assim".)

Com mais risos, mantinham-se idênticos, no entanto, o cenário e o caminho para nós. Caçula, aprendi com a saída de meus irmãos todos os dias para ir à escola que ela deveria ser boa, alegre, feliz. E cedo descobri que meu espaço poderia ser garantido por essa via, inclusive no âmbito familiar. Irmã de alunos brilhantes, fui me antecipando, cheia de vontade de acompanhá-los. Alfabetizei-me antes da escola. Descobri os livros, a aventura imaginativa e a possibilidade (pensava eu) de me furtar aos problemas reais nos domínios das histórias.

Na casa, havia o *Tesouro da Juventude* e a *Enciclopédia Delta-Larousse*, graças aos vendedores que batiam de porta em porta e suavizavam o preço em várias prestações. Lia sempre e repetidas vezes "O livro dos contos", "O livro da poesia", "O livro dos porquês", "O livro das belas ações" e "Coisas que podemos fazer", seções constantes dos dezoito volumes do *Tesouro*. A capa de couro azul com letras em dourado fascinava-me tanto quanto as descobertas de que, lendo, não apenas aprendia narrativas exemplares e poemas edificantes mas também aprendia a fazer objetos (o caleidoscópio com pedaços de garrafas coloridas ainda não se perdeu na lembrança). Também nesse tempo lia as pequenas historietas semanais vendidas em bancas de jornais. Guardo-as até hoje, por puro sentimentalismo, e a cada vez que as retomo espanto-me com as lições literais de moralidade crua que ali se congelam e antes me deliciavam tanto quanto "O livro das belas ações". (Muitos anos depois, ao passá-las à minha filha, a maioria não escapou a seu crivo crítico e pude constatar a ingenuidade com que, em criança, tomava para mim as alegorias edificantes.)

No "Grupo Escolar Barão de Ramalho", a curiosidade marcou os estágios iniciais de minha formação e trouxe-me novas percepções. No mundo dos pequenos, a "inteligência" contava como algo que surpreendia e de algum modo fazia romper as fronteiras sociais. Nessa época, a Pirani, um grande magazine da Zona Leste de São Paulo, estimulava as crianças à disputa e ao prêmio: as melhores notas das escolas eram condecoradas com medalhas e aparições públicas no mezanino da loja central. Ganhei prêmios e fiquei feliz; orgulhei minha mãe e o nome do meu Grupo. Não percebia nada que não fosse bom no jogo da premiação e das exclusões que ela implicava.

Hoje, quando me lembro do "Grupo" surgem imagens partidas: brincadeiras de roda (onde estavam os meninos?), as crianças da "Caixa Escolar" identificadas na primeira aula do ano, os cadernos encapados com plástico xadrez e o olhar curioso dos professores e do diretor para as crianças cujo desempenho era inesperado. Só muitos anos depois percebi que essas imagens compunham peças de um quebra-cabeças em que a desigualdade social, mal percebida pelas crianças, estabelecia diferentes promessas de futuro. As exceções já eram olhadas como tais.

Mas foi no "Instituto Estadual Nossa Senhora da Penha" que se abriu para mim a estrada da "cultura". Em final dos anos cinquenta, a passagem para o que se chamava ginásio era de fato um ritual. Havia a mudança de escola (os Grupos responsabilizavam-se apenas pela escolarização obrigatória, da 1^a à 4^a séries primárias, como se dizia então) e, principalmente, a exigência de comprovação de que a criança tinha capacidade para cursar o ginásio. Eram famosos e assustadores os rigorosos exames de seleção, única condição para o acesso ao ginásio e ao colégio públicos. Nessa época, multiplicavam-se os "Preparatórios de Admissão ao Ginásio", todos pagos. Nas pequenas placas ou nos panfletos distribuídos nas escolas, revelava-se pelo avesso a exclusão de parcelas significativas da população na chamada escola pública. Muitos anos depois tentei chegar a porcentagens: pouco mais de 20% dos alunos do grupo chegavam ao ginásio.

Passando no exame sem curso de admissão, estava orgulhosa de andar pelos corredores, rampas e pátios do "Instituto Estadual Nossa Senhora da Penha" onde meus irmãos estudavam e haviam se tornado conhecidos. Era sempre com certa ambigüidade que eu esperava ouvir o que de fato acontecia em cada começo de curso e com cada novo professor: "Você é irmã da Eudaliza? E do Getúlio? Vai manter a fama?" Ser caçula numa

família de irmãos brilhantes me fez desejar minha própria identidade. A configuração dela foi se fazendo num misto de bom desempenho, irreverência (com suspensões e tudo) e busca de outras experiências, fora dos muros da escola e da Penha.

Durante as férias de julho, graças a uma vizinha mais velha e à concordância de minha mãe, surgiu a possibilidade de trabalhar na "Le Petit", fábrica de medicamentos. Enchi-me de vontade e coragem, na promessa de juntar um dinheirinho montando caixas de remédio. Acho que descobri muita coisa num só dia. A fábrica era em Santo Amaro e eu morava na Penha; durante o trajeto que não acabava mais não via a hora de chegar. Mal cheguei, fui paramentada com avental e capuz. Foi quando tive o azar (?) de meu lugar na longa mesa ser exatamente atrás de uma coluna. Depois de uma hora de lida, encostei-me à coluna e imediatamente a capataz me mandou desencostar. Perguntei: "Por quê? Assim estou trabalhando melhor". A capataz não respondeu e pouco depois, no horário do lanche das proletariazinhas, fui despedida. Primeira grande lição apreendida: era proibido ter as costas melhor acomodadas se isso criasse diferenças entre os corpos na linha de produção. Segunda grande lição apreendida: os donos da ordem e seus asseclas não permitiam porquês. Terceira grande lição construída: o dinheirinho não valia a submissão. Tenho certeza de que essa experiência me ajudou a compreender, anos depois, palavras difíceis como alienação e reificação; mais tarde, ela ecoou no encantamento com *Contos novos* e até hoje ressoa na emoção com o protagonista de "Primeiro de Maio", o 35, com seus "músculos violentos (...), desarmoniosamente desenvolvidos nos braços, na peitaria, no cangote".

A escolha pelo Clássico e pelas Letras

Na viragem da memória, tudo vai muito rápido. Naqueles anos a família temera a renúncia de Jânio e a vassourinha de sua campanha permanecia em casa. Logo depois, viera Jango. Pareciam assustadoras para mim as manifestações fortes de rua, a ameaça de bancos e instituições fecharem, as notícias calamitosas pelo "Repórter Esso". Mas as informações da irmã já quase adulta, entrando na faculdade, abriam-me novas formas de interpretar os fatos. O tempo tinha mão pesada e exigia posicionamentos, mesmo que de meninas e meninos de doze ou treze anos, principalmente se haviam escolhido caminhos pouco usuais na lógica das determinações de classe.

Acho que também por isso em final de 1967, quando estava acabando o ginásio e tinha de me decidir pelo Clássico, Científico ou Normal - nomes que então se davam para as três modalidades do ensino de 2º grau -, vinham à minha cabeça possibilidades que, muito diversas, tinham fundamento comum. Queria continuar meus estudos de piano, mas não via a menor possibilidade de fazer carreira, já que ela dependia de financiamentos de estudos e pouco resultado profissional, ao menos imediatamente. Queria, então, profissionalizar-me em Filosofia, para poder custear os estudos em Música e fazer o que já me atraía ("sob as ordens" da mana, conhecera Sartre e Camus muito cedo). O Clássico era a opção certa.

Na virada, passei a freqüentar aulas à noite e descobri um novo mundo, feito de garotos e de gente muito mais velha que trabalhava para sustentar-se e à família, mas não abdicava de continuar estudando. A nossa seria a última turma do Clássico pois já se anunciava a efetivação da reforma de Ensino, com o famigerado 2º grau profissionalizante que liquidaria o "Instituto de Educação Nossa Senhora da Penha" e tantas outras escolas públicas. Em maio de 1968, com quatorze anos, era membro do Grêmio Estudantil VIII de Agosto, participei das passeatas no centro de São Paulo, conheci a "Maria Antônia" - lugar fascinante sobre o qual ouvia histórias fantásticas relatadas por minha irmã, já estudante de Letras da Faculdade de Filosofia.

Do Clássico, até hoje tenho saudades das aulas de História, com o Prof. Chalitta, que se sentava e falava, falava, falava. Ou aprendíamos a anotar ou na prova seria "salve-se quem puder"... E até hoje recordo que, no 1º Clássico, nosso professor de Português analisara detidamente *Dom Casmurro* e nos mobilizara para discussões inesquecíveis. Quando chegamos ao 2º Clássico e já esperávamos por ele, soubemos que Heitor Megale se tornara professor da USP. Orgulhamo-nos por ter tido um professor de tal gabarito, mas lastimamos nossa sorte, sobretudo porque o "veneno" da boa leitura já nos havia contaminado e não havia como agüentar a professora que o substituiu, com suas "decurebas" de datas e nomes de obras (*doc. 1*).

Quando chegou a hora da decisão pelo ensino superior, novamente os dilemas se colocavam para mim. Música era um projeto já abandonado, pois com a separação de minha mãe e de meu padrasto o piano tivera de ser interrompido devido a novas dificuldades econômicas. Filosofia? Depois de uma conversa, no 3º Clássico, com o Prof.

Mário, notável professor de Francês que nos fazia falar somente na língua estrangeira em sala de aula, descobri que Filosofia não me permitiria "profissão". Acreditei, então, em meu interesse pelas literaturas e resolvi preparar-me para o curso de Letras para poder exercer uma profissão que não me separasse nem da Filosofia nem da música erudita, ao menos nas horas vagas. (Mal se iniciara a degradação salarial do professor do ensino médio e a carreira ainda permitia o desenvolvimento cultural - como eu podia ver em alguns grandes mestres do Curso Clássico.)

Os *imbroglios*, penso hoje, eram resultado não de pretensão (como até pode parecer no relato às pressas), mas da ingenuidade, herdada da velha confiança familiar de que com trabalho duro tudo se conseguiria. Mesmo que meio envergonhada, confesso que talvez nunca tenha me libertado do ensinamento de raiz.

A Faculdade e o trabalho

Em final de 1970, prestei concurso Vestibular de acordo com as novas provas há pouco determinadas pelo CESCEM/CESCEA/MAPOFEI, após a relativa ampliação de vagas conquistada pelo Movimento Estudantil que lutara pela inclusão dos assim chamados excedentes. (Com o travo da ironia, não posso deixar de observar que hoje não temos excedentes; temos os vestibulares classificatórios, que pretenderam pôr fim ao problema das vagas. No caso da Letras aqui na FFLCH, isso traz sempre um mesmo movimento: à medida que os ingressantes melhor classificados desistem do curso, vão sendo chamados novos alunos - fenômeno que dura aproximadamente até final de abril...)

Na imprensa, já se vociferava contra as provas de "cruzinhas", embora, numa segunda etapa dos vestibulares, os candidatos se submetessem à prova de Aptidão, que ainda não tinha esse nome. No nosso ano, os candidatos tiveram de analisar, de supetão, um soneto de Bocage, o que no meu caso pareceu-me totalmente temerário, já que, no Clássico, não havíamos sido ensinados a lidar com o texto, sequer em sua temática. Fôramos treinados para decorar e para ouvir apressadas panorâmicas mecanicistas do contexto histórico e das características de estilo das Escolas Literárias. Apenas me salvei, creio, porque, no terceiro Clássico, diante dos descabros de nosso curso de Literatura a professora de Latim, Marilena Matsuoka - estudante da Letras da USP que havia feito Introdução aos Estudos Literários -, cederá aulas suas para seminários voluntários por ela

orientados, num dos quais eu me atrevera a analisar "Nudez", de Carlos Drummond de Andrade. (Na preparação do seminário, ficara fascinada com a ininteligibilidade inicial das imagens que cediam à intuição somente após um esforço pacientíssimo de leituras mil vezes repetidas. Ia vivendo um processo que só saberia nomear no ano seguinte e que me acompanharia, em minha formação, até agora. Mais tarde, encontrei em Antonio Candido a tradução do vivido: "Ler infatigavelmente o texto analisado é a regra de ouro do analista, como sempre preconizou a velha *explication de texte* dos franceses. A multiplicação das leituras suscita intuições, que são o combustível neste ofício".)

Em 1971, comecei a cursar Letras Neo-Latinas, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Nos Barracões e, logo depois, nas Colmeias, não havia mais que mordanças e memória soturna de tempos heróicos. A "Maria Antônia" era um mito, quando não algo desconhecido das novas levas de alunos. Os Barracões da Letras ficavam num lugar escuro, onde às vezes havia brilhos fugazes, certas movimentações esquivas e subterrâneas, principalmente na vizinhança das Ciências Sociais e da Filosofia. Foi ali que lembro ter ouvido Michel Foucault: a figura e as palavras me impressionaram, sua palestra tratava de assuntos que o intelectual estrangeiro podia falar e a seu lado, se não me engano ou se não invento, Antonio Candido e Anatol Rosenfeld.

No primeiro ano da Faculdade, sentia-me enganada pelos fatos. O sonho da Maria Antônia e do "Bar sem nome", presente na memória, colidia diariamente com as paredes cinzentas ainda mais obscurecidas pelo horário noturno e pela falta de iluminação.

Além disso, sair da Penha às 16:30h, no "Penha-Lapa", atravessar a Celso Garcia antes do *rush*, descer no Largo da Concórdia até as 17:15h e então tomar o "Cidade Universitária" em seu ponto inicial para conseguir chegar pouco antes das 19:30h - tudo isso era quase uma viagem épica, com seu lado homérico (via muitas ruas e bairros pelas primeiras vezes, acompanhei a transformação da Henrique Schaumann a bordo do "Cidade Universitária" e, principalmente, li grandes obras comodamente sentada em minha poltrona) e seu lado hilário (no treme-treme do ônibus, o sono que vinha mesclava-se aos enredos literários para depois ser interrompido com sustos e vergonhas).

Nas aulas, todas abarrotadas com mais de cem alunos, nem sempre vingava o prazer do conhecimento. Em outras, porém, estava novamente decidindo meu caminho. Em "Introdução aos Estudos Literários", fui aluna do Prof. Davi Arrigucci Jr e de seu assistente

à época, Prof. João Luís Lafetá. Não conhecia nomes, nem sabia direito o que eram Estudos Literários. Mas desde o primeiro momento surgiu um mundo nas minúcias da análise estilística, no conhecimento das teorias dos estruturalistas e dos assim chamados "formalistas russos", no vasto conhecimento da literatura mundial - totalmente diverso dos panoramas a que havia me acostumado no Clássico. Fiquei encantada e temerosa, e nunca mais me esqueci nem das aulas nem do dúbio sentimento com que entreguei meu primeiro trabalho escrito, uma análise interpretativa de "Resíduo", de Carlos Drummond de Andrade. Conto isso porque, a cada nova turma de IEL, agora como docente, reativo essas memórias e torno a entender as perplexidades da maioria dos alunos diante da empreitada que surge como medo e fascínio.

O encanto dos muitos alunos interessados lá dos Barracões das Letras fez nascer um projeto de revista (!) que, à semelhança do que já ocorrera em cenários mais amplos, não passaria do terceiro ou quarto número. *Revista de Letras* era seu nome inicial, depois alterado para *Textura* - o que por si só revela que o projeto se tornara mais ambicioso e queria identificar-se com certos modismos críticos. Mas no primeiro número, longamente preparado, queríamos de fato constituir identidade, abrindo com um ensaio redigido por toda a Comissão Editorial e cujo tema não conseguíamos delimitar. Graças ao Prof. Davi e ao Prof. João Luís Lafetá, que nos deram sugestões e bibliografia, descobrimos Walter Benjamin e suas reflexões sobre a obra de arte na era da reprodutibilidade. E como foi difícil entendermos tudo aquilo! As finas reflexões sobre as formas artísticas e as formas sociais, conduzidas sem pagar nenhum preço a reduções sociologizantes, não eram freqüentes naqueles tempos de formalismo e de censura violenta às formas críticas do pensamento. Nós tateávamos e tentávamos, muito simplificada e ingenuamente decerto. E o ensaio saiu (*doc. 2*), bem como minha primeira publicação, a análise de "Resíduo", graças à indicação do Prof. Davi Arrigucci. (*Os ensaios citados a partir daqui estão apresentados em pasta anexa.*) Nas páginas da *Revista* conviviam as tentativas de crítica intelectual e a sátira em ataque direto ao ambiente alienado. Eram tempos em que a grande parte das "meninas da Letras", as "Glorinhas-Zuzu", eram eternas candidatas a namoradas dos engenheiros da POLI... (*doc. 3*).

A experiência com a *Revista de Letras*, antes de ela tornar-se *Textura*, abriu um projeto para o grupo e especialmente para mim: compreender os críticos e historiadores

ditos marxistas, ler *A necessidade da arte*, de Ernest Fischer, *Arte e sociedade*, de Herbert Read, e tentar chegar a Lukács, cujo "Narrar ou descrever" me encantava embora não entendesse bem o que ali se dizia. Mas o projeto se dava na contracorrente dos cursos, que insistiam em visões panorâmicas ou descrições analíticas ao modelo formalista ou estruturalista.

No redemoinho, o dianho ia fazendo tocar outras necessidades. O emprego na Editora Saraiva como revisora de originais de livros jurídicos em período integral alterava não só as linhas de ônibus que passei a conhecer como também o tempo livre para estudar. Aprendi muito sobre o ofício, também graças à minha primeira chefe, uma russa rigorosíssima e doce que insistia no cumprimento das normas bibliográficas internacionais (*doc. 4*).

No segundo, terceiro e quarto anos da Letras, empregada em período integral, aprendi muito sobre regras de Português, sempre utilíssimas, e tive em meio a aulas monótonas cursos brilhantes e reveladores. Sem deixar de correr o risco de cometer injustiças, é das aulas de Vitor Ramos, Ítalo Carone, Flávio Aguiar, Décio de Almeida Prado, José Miguel Wisnik e Zenir Campos Reis de que mais me lembro, além do temor ao Professor Audubert. Em meu currículo só cabiam matérias obrigatórias, de Francês e de Português, e não tive garra ou senso de oportunidade para batalhar por disciplinas como a ministrada por Walnice Galvão, no Departamento de Orientais e Teoria Literária, professora famosa também por seu rigor.

O Prof. Vitor Ramos trouxe-nos Proust e rememorá-lo agora se confunde com a retomada da leitura de *A la recherche du temps perdu*. Com o Prof. Zenir "redescobri" Augusto dos Anjos e tomei um susto. Na infância, um de meus tios sistematicamente recitava versos esquisitos nas festas de aniversário de adultos e crianças. O tal "escarra na boca que te beija" voltou nas aulas do Prof. Zenir e pude entender melhor como o trajeto editorial de Augusto dos Anjos pouco explicava sobre sua profunda ressonância na dramática sensibilidade popular. (Nos volteios da memória, o mesmo susto retornou quando, em meu Doutorado, dedicava-me a Cruz e Sousa. Diante do "Ri, coração, tristíssimo palhaço!", ainda que me obrigasse a distanciar-me criticamente do tom próximo ao *kitsch* do poema, a comoção estava lá. O gosto esquisito da infância havia aprendido a sensibilizar-se com certas marcas do patético.) Com o Prof. Zenir descobri a literatura

regionalista de Manoel de Oliveira Paiva, que me fascinou também por exigir informações históricas e sociológicas sobre o Brasil e me permitir ler os livros de Maria Sylvia de Carvalho Franco. Por outra via, voltavam a vontade de dialogar com formas sociais e formas literárias. Com o Modernismo, apresentado sistemática e criticamente no curso do Prof. José Miguel Wisnik, conheci com maior rigor Mário de Andrade, Oswald de Andrade, João Cabral, que não haviam chegado até mim no Clássico e nos quatro anos de Faculdade apareciam em traços dispersos. A visão do Brás que Antônio de Alcântara Machado trazia-me não registrava a presença dos migrantes nordestinos e nortistas que lá ficavam em pensões, como meu pai. No Mário de Andrade de *Paulicéia desvairada* encontrava histórias anteriores às de minha mãe, costureirinha da Penha. E, não esqueço, no trabalho final escolhi analisar "Catar feijão", de João Cabral de Melo Neto: as fronteiras entre o trabalho braçal e o trabalho intelectual podiam ser superadas; a poesia e o feijão se encontravam na metáfora. Com o Prof. Décio de Almeida Prado descobri o teatro épico e a obra de Jorge Andrade; com o Prof. Flávio Aguiar, os dilemas de nosso projeto nacionalista na dramaturgia romântica.

Nesses quatro anos em que cursei o Bacharelado (1971-1974) (*doc.5*), a Literatura ia virando meu caminho, ao revés dos livros jurídicos que preparava durante as 8h do trabalho diário. E a vontade de ensinar ia crescendo. Logo depois de iniciar o curso na Faculdade de Educação para obter a Licenciatura, em 1975, surgiu a oportunidade de iniciar carreira no magistério. Cheia de vontades e projetos, candidatei-me a uma vaga no Serviço Social da Indústria, fui selecionada e logo depois fui dar aulas de Francês (!) numa escola dentro da multinacional Brow-Boveri, em Osasco, achando interessantíssima a experiência do SESI, que criava escolas para os filhos de seus operários no próprio espaço da fábrica. Passei a tomar três ônibus: Penha-Lapa, Cidade Universitária e "Himalaia" (expresso para Osasco) e meu repertório de leituras se ampliou muitíssimo... Chegava lá e tomava sustos diários: qual era o significado de encaminhar aqueles garotos para o espaço contíguo ao da linha de produção? onde estava o projeto de me dedicar seriamente ao ensino como forma de alteração da consciência? o que estava eu fazendo quando insistia em ensinar o verbo *être* para filhos de operários que não sabiam onde ficava a França e queriam aprender Inglês? Naquela altura, havia Francês obrigatório no primeiro e segundo

anos do ginásio e só no terceiro iniciava-se a aprendizagem do idioma desejado.... Para que valeria aquele conhecimento de imitação, aquela imitação de professora?

Carreguei o SESI por pouco tempo, entre abril de 1975 e agosto de 1976 (*doc. 6*), e com algumas desilusões. Era Português que eu queria ensinar, não voltaria ao Francês com que lidava mal. Por outro lado, na Licenciatura, as aulas mal preparadas me desalentavam. Por sorte, conseguia alguns horários vagos e ia assistir, quase como num ritual, a um curso sobre o *New Criticism* ministrado pelo Prof. Antonio Candido, que há tempos não dava aulas na Graduação. Nossa turma teve o privilégio de ouvir em primeira mão sua análise do poema "Louvação da Tarde", de Mário de Andrade, publicado apenas poucos anos atrás.

Na Licenciatura, havia a obrigatoriedade de estágios e ao cumprir minha cota de observações em sala de aula o velho projeto tomava pé. As aulas a que assisti mostravam sem nuances o que ocorrera com a Escola Pública em pouco mais de quatro anos. Era desolador e do alto de minha juventude achei que dava para mudar alguma coisa. Quando, depois de quase duas décadas sem processos seletivos, o Estado abriu um Concurso para Ingresso de Professor Nível III, lá estávamos nós, bacharéis em Letras e cursando a Licenciatura, lutando para ter direito a concorrer. Esta vitória ganhamos. Consegui aprovação no concurso e contava com a nomeação, que só se daria em julho de 1977 (*doc. 7*).

Já acumulava, enquanto isso, alguma experiência como professora. Em 1975, iniciara trabalhos em Cursos pré-Vestibulares, de início como corretora de redações do Equipe, da turma do Prof. Aguinaldo José Gonçalves (*doc. 8*). Aprendi muito e fui levada para o mesmo cargo por ele, no Curso Decisão, em Santos, em 1976. No ano seguinte, passei a dar eu mesma as aulas, aos sábados e domingos (*doc. 9*), graças ao estímulo do Prof. Aguinaldo, a quem sou grata e de quem sou amiga até hoje. Lá, pude realizar um trabalho com redação a que se somaram, depois, as experiências no Colégio do Estado. Em 1979, comuniquei-as numa mesa-redonda, sob o título "Redação: das velhas técnicas aos novos métodos", na 32ª Reunião Anual da SPBC, no Rio de Janeiro (*doc. 10*), e tempos depois o conjunto de experiências em direção semelhante tornou-se um pequeno depoimento ("Retalhos de uma experiência com redação"), editado em *Língua e literatura: O professor pede a palavra*.

O trabalho, a luta e a primeira Pós-Graduação

Quando assumi meu cargo no Magistério Estadual, em julho de 1977, estava evidente o processo de desmantelamento da Rede Pública com o conseqüente rebaixamento da qualidade do ensino. Vivi isso na pele e, no início, sem nenhuma conotação diretamente pedagógica. Tentando tomar posse na Escola que escolhera - Escola Estadual de 1º e 2º graus "Amadeu Amaral", no Largo São José do Belém - topei com funcionários agressivos que não me deixaram assinar o papel porque "a escola estava em férias". Minha entrada na escola foi irônica e drasticamente forçada: só com briga consegui explicar que havia datas para assinar o tal papel.

Nos corredores do "Amadeu Amaral" - prédio tombado pelo Patrimônio Histórico -, devaneava com as normalistas de início de século. Nas fantasmagorias das cornijas e das escadarias podia ver que por ali haviam passado filhos de operários, pequenos lojistas, comerciantes que, como haviam desejado meus pais para si mesmos, tinham dado a seus filhos a promessa da felicidade. Agora seria eu a tentar contribuir para a formação dos meninos, num tempo de exceções brutas e de alienações em todos os níveis.

Escolhi classes do Colegial, para poder lidar com a vida tratando da literatura. Dessa época imagens vivazes e fortes permanecem. Mesmo nos corredores pouco iluminados e nas paredes nuas - tão destoantes do "Instituto Estadual de Educação Nossa Senhora da Penha" dos meus tempos de Clássico - havia ali uma vida ávida, disponível, disposta. Na proximidade das idades entre mim e os alunos tudo cabia: Chico Buarque e Machado de Assis, os trovadores e Caetano Veloso, a alienação paga com a desgraça da protagonista de *A estrela sobe* e as discussões sobre o poder reificador do capital. Amizade rimava com escola, ao menos no lado de dentro das classes, e nossos corações pareciam mais vastos que o mundo.

Na sala dos professores, porém, o cenário era desolador. Profissionais desestimulados pelos salários já baixos calavam-se ainda mais pelo poder sombrio do representante da Vigilância, o professor de Estudos Morais e Cívicos, extraído das forças militares ou a elas afim. Ainda demoraria muito para que esse emblema do controle fosse definitivamente banido. (Quando assumi a docência na FFLCH, uma de minhas primeiras tarefas técnico-administrativas foi representar o Departamento na organização da disciplina Estudos Brasileiros - novo nome para a velha obrigatoriedade.)

No segundo semestre de 1978 estoura a greve contra a política educacional do Estado, então governado por Paulo Egydio Martins. Pela primeira vez em minha vida adulta sentia que agora seria a vez de nossa geração. A Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo, dirigida por pelegos, estava sendo tomada por setores organizados do movimento sindical, há pouco redespertado da catalepsia a que a violência o condenara. (Dez anos antes, vitórias haviam sido conquistadas, obrigando a direção atrelada a cumprir deliberações de assembléia. Mas o movimento não atingia setores mais amplos e a luta se restringia aos militantes.) Como em março de 1977 também entrara no primeiro Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, os dilemas voltaram. Entre a vontade de estudar e o apelo da organização sindical, acabei tentando conciliar duas atividades que exigiam diferente dedicação, mas não foi possível. A vida que surgia nas Assembléias Setoriais da APEOESP e a força dos eventos diários, na Subsede da Zona Leste (como quase todas as outras conquistada em espaços da Igreja), faziam-nos desejar ficar o tempo que fosse preciso para os piquetes, as discussões, a organização da longa greve. Como resultado, toquei meio aos trancos e barrancos os cursos na UNICAMP e enterrei a cara na organização sindical. No primeiro semestre de 1979, o avanço na deterioração salarial e a greve contra a política de Maluf rearmaram os movimentos de luta. No *slogan*, que se tornou memorável, exigíamos "70% + 2.000" como a base para a reposição de perdas acumuladas em décadas. Depois da greve longa, não tivemos mais que os "2.000" - e o movimento sindical começou a refluir. A APEOESP era nossa, desde a greve de 78, mas os professores iam progressivamente deixando de participar.

Em meio à luta, preparei os trabalhos com empenho e cheguei mesmo a apresentar uma idéia para a Dissertação - idéia informe, aliás, sobre as relações entre o conto contemporâneo e as formas sociais. Posteriormente, consegui elaborar um projeto melhor acabado, sobre *O louco do Cati*, de Dyonélio Machado. Interessavam-me as articulações entre tempos diversos: o meu e o do romance. Na chave de *O louco do Cati*, o tempo se duplicava, em abismo, na trajetória alucinada do louco que se ajuntava a outros fugitivos, nas ruas comandadas pelo Estado Novo; o tempo de ditadura "real" se fundia nos desvarios às atrocidades cometidas contra maragatos e castilhistas na Revolução Federalista de 1893. Sem saber nomeá-la, a atração pelo romance derivava, penso hoje, do fato de ali se tramar a

configuração de certa regressividade como fator estrutural de nosso peculiar e perverso processo de modernização. Mas deixei a UNICAMP no segundo semestre de 1979 (*doc. 11*).

Deixei a UNICAMP, mas não a memória das aulas de Paul Zumthor, de Modesto Carone, de Benedito Nunes, de Roberto Schwarz, ou das novidades que vinham da recente chegada de Leyla Perrone-Moysés da França. A experiência da Pós-Graduação no Instituto de Estudos da Linguagem, iniciada em 1977 com sete pós-graduandos, era de fato pioneira. Diferenciada de outros Programas, a Pós-Graduação do IEL voltava-se fundamentalmente para a formação e o acompanhamento mais continuado dos projetos de Dissertação, sob a forma de tutorias. Nas disciplinas, tínhamos Teoria Geral do Texto, Teoria Geral do Poema, Semiologia do Texto, Teorias Críticas e Literatura Comparada como matérias básicas, completando ou dando a formação necessária a estudos em nível de Pós. Já se anunciava, fortemente, a heterogeneidade difusa que posteriormente passou a norma no perfil dos alunos, e o IEL buscava enfrentá-la com coragem. Susy Sperber, Haquira Osakabe, Yara Frateschi, Jesus Durigan faziam parte desse momento inicial de definição de rumos; no ano seguinte, voltava a ver, agora em Campinas e apenas nos corredores, João Lafeté e José Miguel Wisnik. Benedito Nunes, chamado pela equipe de professores para ministrar aulas de Estética, assumiu com os alunos um curso de Teorias Críticas. A filosofia retornava à minha vida. Meu sentimento de urgência, porém, me levava para outros caminhos, em que os livros de literatura e de estética cabiam mal.

Enquanto isso, continuava meu trabalho em escolas públicas, assumindo cargo na Escola Estadual de 1º e 2º graus "Júlia Lopes de Almeida" - espaço em que a atividade educacional e a política não encontravam resistência da direção. Posteriormente, assumi uma função na Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas da Secretaria de Estado da Educação. Voltei-me para os processos de alfabetização, tomada em sentido largo, e nossa equipe começou a desenvolver um trabalho com as Escolas Rurais, principalmente as UEACs (Unidades de Ensino e Ação Comunitária). Tratava-se de escolas dentro de fazendas. O professor morava ali mesmo, num pedaço da casa, e numa única sala dava aulas de 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries aos filhos dos trabalhadores rurais. A queixa constante dos professores, de que era impossível ensinar para quatro séries num mesmo espaço físico e com um único quadro-negro (sistematicamente dividido com quatro linhas verticais), levou

a equipe a grandes descobertas. Era ainda com a homogeneidade postíça que se julgava poder ensinar? A heterogeneidade não permitiria produzir um trabalho educacional novo, em que meninos alfabetizados e meninos não-alfabetizados trocariam seus conhecimentos e promoveriam atuações conjuntas? Era preciso permanecer dentro do espaço da sala de aula quando lá fora o húmus da terra poderia semear conhecimentos mais vivos? Vivíamos a época da descoberta das experiências de Emília Ferreiro e de Esther Grossi - e nos empenhamos muito para construir, em conjunto com os professores e sem "receitas", uma metodologia, nascida da prática, que mostrasse ser possível e necessário lidar com a realidade. Na heterogeneidade do real buscávamos pistas para um trabalho de construção dos saberes dos excluídos.

Muito envolvida, a equipe conseguiu produzir junto com os professores, acumulando e organizando experiências e propostas (*doc. 12*). Mas a entrada do Governo Quércia nos expulsou da CENP - e nosso trabalho se perdeu. Acabaram as UEACs. Os documentos só não foram destruídos de todo porque guardamos alguns, inclusive o de nosso brutal desligamento (*doc. 13*).

Novos rumos do trajeto

Foi só em 1986 que resolvi voltar a estudar, depois de pôr em dúvida a atuação que desenvolvia no plano político-sindical e na manutenção da base econômica de minha vida que, naquela altura, exigia 40h de trabalho semanais. Depois da saída da CENP ficara numa Escola Estadual de 1º grau, o "Marina Cintra", e ali encontrava diariamente o descalabro: era com muito custo que conseguia ter alunos para dar aulas; com a falta freqüente dos professores, as aulas terminavam depois do segundo horário. (Certa feita, aliás, o zelador do prédio foi à minha sala pois, como eu estava dando a aula das 11h, eu atrapalhava seu trabalho... Convém lembrar que o horário da manhã se encerrava às 11,45h.)

Para facilitar a entrada de um salário mais digno, cedi à tentação de dar aulas em escola particular, e foi numa delas - o Logos - que meu projeto de dissertação de Mestrado se definiu. Quando pedi à meninada do primeiro ano colegial que lesse alguns dos *Contos novos*, a reação dos alunos às narrativas de Juca me retomou comigo mesma e com meu amor à literatura.

Com Mário de Andrade criei coragem para candidatar-me ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária do Departamento de Línguas Orientais e Teoria Literária. Inscrevi-me com o Prof. Lafetá, que tinha uma vaga, e, para minha surpresa, quando telefonei para marcar a data da entrevista ele se lembrava de meu sobrenome: Daré Rabello? (Esses sons que se repetiam desde o ginásio agora soavam como outra promessa.) Embora o tivesse visto na UNICAMP, não conversara com o professor e parecia-me impossível que se lembrasse de mim. Na entrevista, outro susto: não sabia que ele estudara a lírica de Mário de Andrade numa perspectiva que se valia da psicanálise como disciplina auxiliar. Seu Doutorado, ainda não publicado, fora defendido poucos anos antes, num tempo em que eu me desligara das leituras de crítica literária. O Prof. João Luiz, diante de minha exposição, pontuava, em fala mansa e muito generosa, as semelhanças de proposições - o que me parecia inacreditável.

Iniciaram-se nesse mesmo dia a orientação, a compreensão e a amizade genuínas que só terminaram porque tiveram de terminar com sua morte. Com o Prof. João Luiz Lafetá aprendi a pensar melhor, a redigir melhor ("não se embriague com sua linguagem, que flui fácil até demais", dizia-me constantemente - e ainda agora penso que o memorial se derrama em delírios). Sobretudo, aprendi a encontrar legitimidade na tarefa do estudo, sem me atormentar com a urgência que os tempos pareciam não mais exigir, ou o faziam com outros instrumentos. A calma lenta dos gestos e dos ensinamentos do Prof. Lafetá, sua mirada certa nos pontos exatos, nas aulas e nas leituras de textos de orientandos, a dedicação a toda prova às tarefas que concebia serem do orientador (com os seminários mensais rigorosamente realizados nas tardes de sábado em sua própria casa) compunham a imagem viva do homem íntegro que, cheio de sabedoria, sabia que se a literatura não podia mais mudar mundo algum, podia nos permitir os prazeres da descoberta, da desalienação, da lucidez no olhar para o texto e para o mundo. (Conheci a anedota de Lukács sobre Adorno e Benjamin, e a resposta destes, numa conversa com o professor.) A mineirice desconfiada de João Luiz Lafetá punha em tudo, de uma só vez, doçura, severidade e *humour*.

No grupo de formação aprendíamos também a respeitar os trabalhos uns dos outros: discutíamos projetos, líamos capítulos iniciados e abríamos, assim, a prática crítica e o conhecimento para áreas de estudo e pesquisa que não eram apenas as individuais. Foi

assim que conheci mais de Murilo Mendes, graças ao Murilo Marcondes de Moura; de Manuel Bandeira e da possibilidade de integrar conceitos psicanalíticos ao estudo da lírica, com Yudith Rosenbaum; de Graciliano Ramos, com Eduardo, cujo sobrenome se perdeu; de Padre Vieira, com Alcir Pécora.

Nesse processo de formação os cursos também contribuíram decisivamente. Com o Prof. Daniel Balderston, na disciplina "Aspectos do grotesco na Literatura", tive acesso a importante bibliografia sobre o grotesco, bem como a discussões sobre sua importância na literatura contemporânea - e abriram-se veredas valiosas para analisar "Nelson", de *Contos novos*, a "esquisita" narrativa do homem da mão mutilada. Com a Profa. Telê Ancona Lopez, na disciplina "Análise e interpretação da poesia de Mário de Andrade", ampliei muitíssimo meus conhecimentos sobre Mário de Andrade e pude alargar o projeto inicial; por sua indicação, o trabalho de curso foi publicado na *Revista do IEB* e graças a ele entrei pela primeira vez numa sala de IEL como professora, a convite do Prof. Lafetá. Com Philippe Willemart, na disciplina "Literatura e Psicanálise: A problemática do manuscrito", descobri Lacan e as possibilidades de a psicanálise lacaniana fornecer úteis instrumentos para o estudo genético e a interpretação literária. Também em função do trabalho final, fui convidada pouco depois para participar do II Encontro de Edição Crítica e Crítica Genética, apresentando a comunicação "Tecendo identidades: uma leitura de 'O poço', de Mário de Andrade", em que analisava a fatura do conto e suas significativas alterações da primeira para a segunda versão, o que me permitiu documentar a construção de Juca como transposição ficcional da identidade de Mário de Andrade (*doc. 14*). Nicolau Sevcenko, com a disciplina "Dimensões sócio-culturais dos movimentos de vanguarda artística", trouxe-nos a perspectiva do historiador preocupado com as questões estéticas. Mas foi com o primeiro curso que freqüentei, "Teoria dos gêneros: Modos e formas da narrativa em Graciliano Ramos", ministrado pelo Prof. João Lafetá, que me reatei a antigas indagações: centradas na leitura de Graciliano Ramos, suas aulas retomavam Lukács e pude, assim, não apenas voltar a enfrentar "Narrar ou descrever" mas também tomar coragem para ler *Teoria do romance*. A essas, somavam-se as leituras dos seminários de formação, com *Mimesis*, de Auerbach, trechos da *Estética* de Lukács, trechos de Adorno e de Walter Benjamin, rastreando as espinhosas questões do símbolo e da alegoria, e *Questões de literatura e de estética (A teoria do romance)*, de Bakhtin (*doc. 15*).

No movimento de aprender, agora retomado com entusiasmo e sem mais nenhuma dúvida, quis também tentar rumos ainda mais novos. Em 1989, inscrevi-me no Concurso de Seleção para exercer função docente, na Área de Teoria Literária e Literatura Comparada do Departamento de Línguas Orientais e Teoria Literária. Esse Concurso havia sido resultado de uma vitória: depois de muitos anos de reivindicações de alunos, a Área conseguira que os cursos de Introdução aos Estudos Literários I e II, disciplina até então optativa, se tornassem obrigatórios para os alunos de Letras. Com um número reduzido de professores, porém, a tarefa se tornava difícilíssima. Foi então que se obtiveram seis claros e se abriu o processo de inscrição e seleção de candidatos. Havia mais de sessenta, entre doutores, mestres e mestrandos. Fiel ao seu compromisso de formação, a Área decidiu escolher professores dos vários níveis, entendendo que a docência permitiria aos mestres e mestrandos efetivamente construir projetos afinados com suas linhas de pesquisa. Coloquei-me em oitavo lugar. Com a aposentadoria da Profa. Teresa Vara, chamou-se a sétima classificada; com o afastamento da Profa. Iumna Simon, fui chamada para exercer a função em caráter de substituição. Logo depois, pedia exoneração de meu cargo na Secretaria de Educação, onde permaneci por mais de 11 anos (*doc. 16*). Enquanto aguardava que houvesse salário, mantinha minhas contas em ordem na "Escola Santa Cruz", onde desenvolvia aulas de "Crítica de Arte" num curso optativo que me permitia trabalhar com aquilo que eu e os alunos decidíssemos (*doc. 17*).

Mestrado e Doutorado nas salas de aula

Iniciei minhas atividades como docente em agosto de 1989 (*doc. 18*). Nas turmas de IEL - II, que dividia com a Profa. Rita de Cássia Natal Chaves, sentia estranhamento: classe pequena - pouco mais de quarenta alunos - e desinteressada, e eu me lembrava, com pesar, das aulas do Prof. Davi e do Prof. Lafeté, que haviam alterado minha vida. Lastimei não ter a competência deles; lastimei estarmos em tempos em que os filhos de migrantes nordestinos haviam sumido dos corredores da USP.

Cedo percebi, porém, que havia me enganado. Os filhos de costureirinhas se escondiam. Se as "Glorinhas-Zuzu" das Letras de outros tempos candidatavam-se a namoradas dos alunos da POLI, agora elas freqüentavam *shoppings* e a "escola" era a condição para ganhar o carro do ano. Percebi isso, e mais, ao dar uma aula sobre "Canto

esponjoso", de Carlos Drummond de Andrade. Depois de finalizar a interpretação, uma "Glorinha-Zuzu" veio até mim, ao final da aula, e me disse, irada: "Professora, eu acabei de ganhar um carro novo e você vem me falar de pulsões de vida e de morte? Tenho mais o que fazer!" Descobri, assim, novas "Glorinhas" - e também que a classe era mais mesclada. Das misturas poderia extrair os sumos de que necessitava para aprender a ensinar.

Nos dois primeiros anos de aulas aprendi na marra que grande parte dos alunos havia vindo de uma escola já completamente deteriorada. Para não parar os estudos, muitos brigavam consigo mesmos e com sua formação deficitária. Ainda que tivessem outras conotações, as "promessas de felicidade" ecoavam fortes e com destinações muito diversas daquelas com que Francisco e Deolinda haviam sonhado. Nessa época conversava muito com o Prof. Lafetá e, com seu jeito sereno, ele me dizia sempre que os alunos do primeiro ano que encontrávamos em IEL-I e IEL-II transformavam-se muito nos três ou quatro anos seguintes do curso. Com seu humor peculiar, acrescentava que alguns desistiam; com sua lucidez, ajuntava que outros mudavam porque a literatura lhes permitia acesso a reflexões antes insuspeitas. (Embora dissesse isso, e para si mesmo, lembro-me do desânimo com que o Prof. Lafetá corrigia as pilhas de trabalhos. Ouvi-o uma vez comentar sobre a fragilidade da produção escrita dos alunos. Mas logo depois sorria, dizendo que o desânimo era falso, nascia do cansaço...)

A mim, como professora, começaram a surgir conhecimentos anteriormente apenas entrevistados. Certa vez, e como era de praxe, anotei pequeno comentário a um aluno cujo trabalho, bastante bom, estava escrito, porém, em linguagem do século XIX. Pedia-lhe que me procurasse em minha sala. Lembro-me ter imaginado que nela entraria um "senhor", aluno em 2º curso, provavelmente advogado....Mas apareceu um menino - não mais que 17 ou 18 anos -, negro e lindo, identificando-se como o autor do trabalho. Perguntei-lhe então por que escrevia com linguagem tão "castiça" e Carlos Eduardo - esse o seu nome - me contou sua história. Filho de pais analfabetos, quando entrou para a escola e começou a sair das redondezas, passou a reparar que uma senhora das imediações sempre lia na pequena varanda da casa proletária nos confins da Zona Sul de São Paulo. Certa vez ele não resistiu e perguntou-lhe *por quê* e *o quê* lia. Ela apenas lhe disse que eram histórias e lhe ofereceu algumas. A partir daí nasceu a amizade, feita de trocas de *Biancas* e *Sabrinas*. Contou-me o Eduardo que só no ginásio seu repertório mudou: um professor de História lhe apresentou

Machado de Assis, de quem ele nunca mais desgrudou. Esse aluno, hoje, faz Mestrado e seu texto, apuradíssimo, perdeu o ar postiço para ganhar sóbria precisão. Esse aluno, hoje, não abandona suas tarefas na escola estadual. "Os alunos da Caixa Escolar" de meus tempos de grupo podem ainda ter outros caminhos, apesar dos estragos que os sucessivos planos educacionais fizeram com a Rede Pública. O problema continua o mesmo, e agravado: as exceções continuam olhadas como tais. E muito pouco se faz para que elas deixem de ser exceções.

Entre carros novos, "Glorinhas" e vários Eduardos, aprendia a conhecer meus alunos da Letras e, durante o período matutino ou o noturno - de perfis bastante diferenciados -, tinha prazeres e dissabores. No geral rearmava velhas lembranças e reaprendia antigas lições, enquanto o tempo ia lançando-nos para frente. Progressivamente, os alunos da Letras pareciam mais engajados, mais comprometidos - ao menos com o curso. Progressivamente, experienciava a lição, do Prof. Lafetá, de que o primeiro ano era o primeiro ano de um percurso. E à medida que vinham segundo, terceiro e quarto anos para os alunos, alguns voltavam até mim para mostrar suas pesquisas, contar seus interesses.

No trajeto, ocorreu a defesa do Mestrado, em abril de 1991. Intitulado *A caminho do encontro*, o trabalho perseguia, pela análise técnico-formal, a constituição da reidentificação do sujeito, fosse ele um eu ou um ele. No recorte, a temática dos contos exigia de mim a tentativa de operar questões centrais na obra de Mário de Andrade. Busquei ampliar as reflexões articulando produções do autor contemporâneas a *Contos novos* e a configuração de seu projeto estético-ideológico. E, na formalização da reidentificação do sujeito, a forma, em vários de seus aspectos, parecia exigir a utilização da psicanálise como disciplina auxiliar. Mas a cada investida percebia que o instrumental não poderia se esgotar na interpretação alegorizante - risco de que busquei escapar por via do próprio Mário de Andrade e das finas observações de meu orientador, Prof. Lafetá, para quem a investigação dos dilemas da consciência e o afloramento de sintomas e de desejos pré-conscientes, tal como representados em certas obras literárias, não elidiam a investigação dos fundamentos sociais em que os sujeitos se constituem. Com a defesa da dissertação, uma certa leitura de Mário de Andrade e de seus *Contos novos* chegava a seu termo, atando o 35, as memórias da menina que ousara trabalhar encostada a uma coluna, o Juca, as leituras de psicanálise, o projeto estético de um grande autor e seu amálgama com

o projeto de "com a arte criar mais humanidade". "Arte malsã, que malestariza a vida", aquela que me havia ensinado a tentar compreender as difíceis experiências dos homens.

Uma outra releitura começava a partir daí. Ao apresentar, em 1992, durante a 44^a Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, a comunicação "A questão da representação em *Contos novos*", no Simpósio "Interpretação literária e psicanálise", repensava certos destemperos do texto do Mestrado (*doc. 19*). Ao retomá-lo para publicação em livro, muitos foram os cortes na escrita movida a paixão e pouca sobriedade.

Na defesa - meu primeiro grande ritual no espaço do "Salão Nobre", com a responsabilidade de ser docente da "Casa" - tremi. Mas recebi a argüição elogiosa das Profas. Drs. Telê Ancona Lopez e Cleusa Rios Passos, além da fala sempre generosa e crítica do Prof. Lafetá (*doc. 20*). Parte da família ali presente chamou-me, então, de "doutora", embora não o fosse. Francisco o faria também, decerto. Mas o título de "mestre" ensinava-me que nada mudaria no dia seguinte. O mito recebido na infância não se desmanchava de todo, mas perdera a parte (feita de restos de madeira?) que aliava conhecimentos e bem-estar material. A situação dos docentes da USP parecia fazer repetir - desta vez como farsa? - a história da Rede Pública de 1^o e 2^o graus.

As greves de professores e de funcionários da USP nos mostravam que estávamos ficando invisíveis para o conjunto da sociedade. Elas se repetiam e não obtínhamos nem suficiente mobilização interna nem repercussão nos meios de comunicação. No retorno, voltávamos às salas de aula e muitas vezes encontrávamos parte de nossos alunos comprometida com a luta pela qualidade de ensino, que inclui, como sabemos todos, não apenas salários mas condições de trabalho que permitam tranquilidade para a docência e a pesquisa. São elas que queremos, mas àquela altura fazíamos triste figura diante da divulgação pelos jornais, poucos anos antes, do chamado "Relatório dos improdutivos" que, além das incorreções crassas, iniciava o processo em que pesquisa e trabalho se confundiam mecanicamente com quantidade de publicações.

Nesse processo, e dada a minha situação de "precária substituta", em agosto de 1991, logo depois da defesa do Mestrado, inscrevi-me para o Doutorado com o Prof. Lafetá e tentei ser aceita no Concurso que acabava de se abrir na UNICAMP. Agora, porém, para se candidatar ao concurso era preciso ter o título (real) de Doutor, ou estar em

vésperas de consegui-lo. Minha inscrição não foi aceita e a situação profissional em que me encontrava se tornava grave. Inscrevi-me, então, no concurso aberto pela Prefeitura de São Paulo para selecionar professores de ensino médio. Fui aprovada em primeiro lugar, mas nem busquei o documento comprobatório nem assumi o cargo, pois havia possibilidades de se regularizar minha situação na USP.

Entre 1991 e 1993, cumpri os créditos necessários ao Doutorado e freqüentei, como ouvinte, disciplinas afins aos meus interesses. Todas elas permitiram que minha formação continuasse a se completar. Com Sandra Nitrini, na disciplina "Literatura comparada: História, Teorias e Ensaios Críticos da Literatura Comparada", aprendi as perspectivas do trabalho comparatista e novamente pude me dar conta da lucidez com que Antonio Candido lidou com as questões relativas ao assunto no quadro da crítica literária do país periférico. Para o trabalho de curso da Profa. Sandra Nitrini, desenvolvi um ensaio em que focalizava o diálogo de Cruz e Sousa com a poética parnasiana, nos ecos de poemas de Gautier e Bilac, para afirmar a estética simbolista. Nos comentários, a Professora apontava que ali estava o núcleo de um doutorado; de fato, perceberia só mais tarde que perseguia, desde aí, as razões histórico-estéticas para a escolha, pelo poeta à margem, da singular estesia. Com o Prof. Alfredo Bosi, na disciplina "Leitura da poesia como interpretação da cultura", retomei leituras dos seminários de formação do Prof. Lafeté e pude ouvir, na fala macia de um de nossos melhores críticos, extraordinárias lições teóricas sobre Vico, Schiller e Hegel, bem como sensibilíssimas leituras de poemas escolhidos para revelar como, na chave simbólica ou alegórica, a subjetividade lírica, imersa na cultura, constituía-se como voz que respondia à História. Com o Prof. Modesto Carone, na disciplina "A ficção de Franz Kafka", não apenas retomei contato com o professor que conhecera na UNICAMP, mas também pude entregar-me ao conhecimento da obra e da fortuna crítica de Kafka, guiada, decerto, por um de seus mais atilados intérpretes. No trabalho de final de curso, detive-me num dos contos de Kafka e o professor indicou o ensaio "Entre chacais e árabes" para publicação na revista *Magma*, projeto que os alunos da Pós-Graduação do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada vinham levando à frente - em conjunto com o projeto de *Literatura e Sociedade*, revista organizada pelo corpo docente do mesmo Departamento. Também assisti a várias das aulas do Prof. Davi Arrigucci Jr., que ministrava a disciplina "Aspectos e técnicas da análise e da

interpretação literária" - considerada básica para o modelo novo que tentávamos implementar na Pós-Graduação do DTLLC; nessas aulas, via manter-se no Prof. Davi a mesma paixão pelo texto que presenciava vinte anos antes, em meus cursos de IEL, e comovia-me com a integridade do crítico que, cada vez mais atilado, entregava-se às minúcias analíticas para, num arranque final, reintegrar o texto num movimento interpretativo que sempre era capaz de surpreender.

Nessa época já se constituía o Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada que, durante as chefias de Davi Arrigucci Jr. e Lígia Chiappini Moraes, tentou obter o claro por mim preenchido na prática, mas não foi possível. Todos os professores, solidários, viveram um pouco de meu constrangimento quando fui desligada de minhas funções (em primeiro de julho de 1995), enquanto se aproximava a data de meu segundo concurso em que, desta vez, se aprovada, exerceria a mesma função só que na qualidade de "precária" - sem o adjetivo "substituta". Conseguir o claro e conseguir o concurso, já durante a gestão de Sandra Nitrini, foram lutas que o Departamento travou por vários meses e me deram a medida do companheirismo dos colegas. Continuei o curso até final de junho de 1995, corrigi trabalhos, preparei as aulas para os pontos do concurso e nos primeiros dias de agosto lá estava eu, com a prova escrita, sobre o tema "Literatura e educação" e a prova didática, sobre "Aspectos do conto". Na produção desse material, revivi cenas, retomei as histórias da literatura em minha vida e as histórias do 35, de "Primeiro de Maio". Os temas das provas colavam-se a mim. Única candidata, fui aprovada e selecionada (*doc. 21*). Por livre escolha, assumi as turmas de IEL-II na semana seguinte, embora o novo contrato só se regularizasse quase três meses depois.

Nesse processo custoso, as pesquisas do Doutorado ficaram mal paradas. Voltara-me para a lírica de Cruz e Sousa, no projeto de me dedicar ao gênero lírico, já que no Mestrado concentrara os estudos no gênero épico. Tinha também a intenção de me afastar da contemporaneidade e de buscar aprofundar-me no século XIX. Em novembro de 1992, o convite da Prof. Glória Carneiro do Amaral para que desse uma aula em seu curso de Pós-Graduação "Baudelairianismo no Brasil" (Área de Literatura Francesa do Departamento de Letras Modernas - FFLCH) me animara a apresentar os resultados das investigações sobre o amálgama de tradições parnasianas e simbolistas na obra de Cruz e Sousa - iniciadas durante as pesquisas para o trabalho da disciplina "Literatura

Comparada", da Profa. Sandra Nitrini. A recepção dos alunos à leitura do texto me estimulava e me fazia pensar que o caminho interessava: na fôrma contida vazava o transbordamento; o trabalho rigoroso com o verso servia à subjetividade lírica para representações cujo sentido enigmático valia a pena interpretar. A fratura - metáfora com que à época nomeei a poética de "Arte", longo poema anterior à publicação de *Broquéis* - evidenciava o processo de consolidação de uma lírica que voltava as costas ao mundo "real", num gesto historicamente determinado de fazer frente às mazelas objetivas por meio da reconciliação simbólica no espaço poético. "Assim (...) saberás tudo o que sabe/ quem anda por alturas mais serenas".

Conseguia alguns pequenos avanços cujos resultados apresentara em 1994, no IV Congresso da ABRALIC, com a comunicação "Um canto à margem. Perfil da poética de Cruz e Sousa" (*doc.* 22). Sabia o que queria revelar e não por acaso o título do Doutorado, três anos depois, seria esse mesmo: "Um canto à margem".

Mas, na prática, no semestre seguinte ao do Encontro da ABRALIC, a instabilidade profissional e econômica, a preparação para o segundo concurso e a doença que adveio paralisaram as pesquisas. O Prof. Lafetá, meu orientador, que antes considerara que eu deveria permanecer com pesquisas sobre o Modernismo, aprofundando-as em novas direções, começou a entusiasmar-se, embora a princípio não fosse admirador de Cruz e Sousa. Disse-me uma frase que não esqueci mais: "Ivone, você está me fazendo ver que a poesia de Cruz e Sousa mostra uma face do Brasil que não aparece em nenhuma outra manifestação da lírica naquele final de século". Lembrei-a muitas vezes e ela me dirigiu quando João Luiz não podia estar mais.

Depois do concurso, seriam outras as causas para a dificuldade com as pesquisas. A criação teria de esperar o trabalho de elaboração do temor e do luto. O Departamento de Teoria Literária me auxiliou muito, pedindo-me que, no primeiro semestre de 1996, desse curso em Teoria Literária, o que me permitiu concentrar-me na organização e na redação da pesquisa. Ao preparar as aulas, temia a recepção dos alunos a poeta tão distante; centralizei-as em leituras de Baudelaire e da interpretação benjaminiana para chegar ao Simbolismo brasileiro e então a Cruz e Sousa; espantei-me com a descoberta que levava aos alunos, fascinados com a lírica baudelairiana e dispostos a buscar jóias em meio a muito

contrabando (a expressão, de Antonio Candido, refere-se à sua leitura da lírica do século XIX, Cruz e Sousa incluído).

Iná Camargo Costa, colega de Departamento e amiga, auxiliou-me mais diretamente nesses meses, respondendo à função de orientadora e conseguindo presenciar, serenamente, a necessidade da interlocução continuada sobre João Luiz Lafetá e sobre como eu devia a ele o resultado das pesquisas e de toda a minha formação.

No processo de construir a tese, buscava dialogar com a obra lírica de Cruz e Sousa e com a coreografia da crítica que sobre ela se fizera em momentos distintos (em final do século XIX e início do XX, nos anos 40 e na contemporaneidade). Aprendia, assim, com a lírica de Cruz e Sousa, as determinações da subjetividade que, voltando as costas ao mundo objetivo no universo do poema, arquitetava na fôrma contida e nas imagens cifradas as respostas do excluído. Ao aderir, num momento inicial de sua carreira, à "promessa de felicidade" para a qual a carreira artística começava a acenar para as camadas médias no final do século XIX, Cruz e Sousa aderira a ilusões e experienciara a derrota delas, num ambiente em que os referenciais para a aceitação do literário incluía critérios estéticos tais como a inteligibilidade e a clareza da expressão, além do decoro e da exaltação dos "bons sentimentos", e critérios extra-literários regados a simulacros de ciência. No trajeto da derrocada pública, o poeta, pobre, negro e simbolista, construía o que há de melhor em sua obra, na formalização da busca da "reconciliação simbólica" e do canto de rancor irado. Ao descobrir esses elementos, surpreendia-me, a cada passo, com a força das respostas líricas do poeta numa produção que, muito desigual, pagava preço às mazelas da vida biográfica.

Em outubro de 1997 cumpriu-se mais um ritual. Desta vez tremi menos. Meus alunos e ex-alunos, por puro afeto, estavam lá para presenciar a defesa. E, talvez pelos anos de experiência, pude ouvir e responder às argüições à-vontade. Também desta vez os argüidores - Aguinaldo José Gonçalves, Antônio Arnoni Prado, Olgária Matos e Zenir Campos Reis - foram muito generosos. Como se tratava do primeiro dia do novo sistema de avaliação das defesas, sem notas, a Banca consultou a Secretaria da Pós-Graduação para saber como se poderia mencionar a qualidade do trabalho. Não se podia. Por isso a Banca quis escrever uma observação, para constar na Ata da Defesa (*doc. 23*). Conto isso pela ironia: no primeiro dia do novo sistema não era claro o que se podia ou não fazer - e o que consta em Ata não fica incorporado como documento no Diploma de Doutorado.

Depois do título de "Doutor", desta vez de verdade, sentia-me mais à vontade para realizar meus projetos com os alunos e com minha própria pesquisa. Como em 1998 se completava o centenário da morte de meu autor, inscrevi-me no Concurso "Prêmio Cruz e Sousa", da Fundação Catarinense de Cultura. Tradicional em Florianópolis, aberto às categorias de Ficção e de Poesia, o Concurso nesse ano abriu um prêmio único, em nível nacional, na categoria Ensaio, com o tema "Vida e obra de Cruz e Sousa". Fui a vencedora com o ensaio *Entre o inefável e o infando*, o que me trouxe a possibilidade de editar parte do Doutorado (doc. 24).

Entre a inscrição no Concurso e o resultado do Júri, estive em Florianópolis para ministrar um curso sobre Cruz e Sousa. Embora fosse a época da greve das Federais, em maio de 1998, e embora tivesse temido participar do evento, o Prof. Lauro Junkes, organizador da "Semana Cruz e Sousa", deixou-me à vontade. A Universidade estava em greve, não haveria atividades "usuais", mas ele não queria abdicar do evento, longamente preparado e com contatos acertados com diversos professores. Optei por ir - e as 15h de aulas foram de grande estímulo: alunos, embora poucos, interessados e, o mais notável, conhecedores da obra de Cruz e Sousa. Nossa literatura, fora do eixo Rio-São Paulo, comporta conhecimento mais apurado dos escritores ditos "locais" (doc. 25). Além dos alunos, fiz contato com diversos estudiosos da obra de Cruz e Sousa: do Rio de Janeiro, de Campinas e aqui mesmo de São Paulo. Descobri também que militantes do Movimento Negro, que durante anos desconsiderara a obra do poeta por julgá-la cooptada à ideologia dos brancos, revisitavam-na sob outra perspectiva.

Talvez por causa desse curso e da premiação, fui convidada várias vezes durante o ano de 1998 para dar aulas e proferir palestras sobre Cruz e Sousa. Fui à Universidade Federal de Mato Grosso ministrar Curso de Extensão (doc. 26), em 18 de novembro fui ao Rio participar de Mesa-Redonda com a palestra "A voz dissonante" (doc. 27) que repeti no dia seguinte em Blumenau, no III Congresso de Escritores de Blumenau (doc. 28). Talvez por isso em 23 de novembro, na cerimônia que encerrou o "Ano Cruz e Sousa" a Comissão Organizadora do Centenário de Morte de Cruz e Sousa conferiu-me Medalha de Mérito (doc. 29). No dia 23 de novembro comemorei meu aniversário ouvindo Cruz e Sousa na voz de um poeta que conhecia menina: Lindolf Bell, que talvez tenha feito ali sua última

aparição pública. O poeta viajante, de longos cabelos loiros, e que declamava versos que jorravam da vida, reaparecia ali, muitos anos depois, falando do seu amor por Cruz e Sousa.

No primeiro semestre de 1999 comecei a receber orientandos e credenciei um Curso a ser ministrado na Pós-Graduação, com o mesmo título da tese, "Um canto à margem" (*doc. 30*). Os encantonamentos me fascinam, como se vê. E, iniciando atividades como orientadora, não temi tentar imitar/homenagear João Luís Lafetá: repito com meus atuais seis orientandos as reuniões mensais; para meu espanto, a escolha deles dirigiu-se para o estudo de *Mimesis*, de Auerbach - um dos primeiros temas dos encontros de formação com o Prof. Lafetá.

Em final de 1998 o Departamento de Teoria Literária retomava as discussões sobre a necessidade de Cursos de Extensão. Organizamos uma Comissão (composta por mim, Andréa Saad Hossne, Cláudia de Arruda Campos e Viviani Bosi Concagh) para implementar o primeiro deles. Nossa prioridade era que o curso se destinasse predominantemente a professores da Rede Pública. Decidimos também que não queríamos "ensinar a dar aulas", mas oferecer aos professores uma possibilidade de troca de saberes, de pluralidade de perspectivas. A leitura como ato de construção dos significados abre-se ao compartilhamento. Decidimos também que, como a lírica era objeto pouco tratado, se não desconhecido, na escola pública, queríamos começar por ela. Foi assim que organizamos e realizamos, entre abril e junho de 1999, o curso "Experiências de leitores; experiências de leituras: O poema", com oito encontros, com diferentes "leitores"-professores. Fui responsável por uma das aulas - sobre Cruz e Sousa - e fiquei encantada com o entusiasmo dos professores com o "poeta desconhecido" (*doc. 31*). Neste segundo semestre, com a mesma Comissão organizadora, a experiência se repete, voltada agora para os textos de prosa de ficção: "Experiências de leitores; experiências de leituras: A prosa de ficção" (*doc. 32*).

Também em 1999 retornou a necessidade institucional do concurso, desta vez meu terceiro, para que nos candidatemos a cargos, e não ao exercício da função que, no grupo daqueles oito ingressantes de 1989, qualificara-nos como "precários". Nesses meses, as pesquisas recém-iniciadas do Pós-Doutoramento ficaram mal paradas - o que soa a repetição de outro processo, vivido há quatro anos. Neste pós-doutoramento, e depois das descobertas do "Brasil que não está em nenhuma outra lírica do final do XIX", interessei-

me pela representação da dinâmica histórico-social do processo urbano no Rio de Janeiro. Voltei-me para um autor relativamente desconhecido no ambiente acadêmico, Gastão Cruls, e pesquisei fundamentalmente seu último romance, *De pai a filho*, de 1953. Nele se narra a história da perspectiva doméstica: do ângulo do *foyer* burguês, o enredo trata de um mundo que se dissolve. Na obra que retoma certo modo realista da narrativa e no autor que passou às margens da renovação modernista interessa-me a leitura da dissolução de um modo social: entre 1893, início dos fatos do enredo, e final da I Guerra Mundial morre um mundo e o que ocupa seu lugar não estabelece mais vínculos com o passado. Narrado do ângulo de classe, o olhar burguês capta a história de uma derrocada; para vê-la de outra perspectiva será preciso confrontar o olhar do "romancista-memorialista" a outros que nasceram em outras margens e narraram sua contemporaneidade. João do Rio, por um lado; Lima Barreto, por outro.

Enquanto a pesquisa anda lentamente, retomei o trabalho sobre Cruz e Sousa, ministrando, neste segundo semestre, novo curso de Teoria Literária. Tem sido bastante agradável ver nossos alunos conhecerem o autor de "Vozes veladas, veludosas vozes/ Volúpias de violões, vozes veladas..." e deixarem de achar que Simbolismo é "sinestesia, aliteração e... transcendência". Nos terrenos bem chãos por onde andou Cruz e Sousa, a arte do "indizível" dá respostas ao sem-lugar dos excluídos. Isso decerto ecoa muitas outras vozes.

*

Organizar este Memorial permitiu, em meio a vários dilemas, reorganizar meu trajeto até aqui. Se ao narrar repeti-me, isso também se deveu a que as histórias foram parecendo semelhantes, do sonho de Francisco ao sonho de Carlos, do título de "Doutor" a que os pais visavam à consecução do título. As repetições não elidem diferenças, algumas brutais. Mas também não elidem as permanências, das quais, creio, a mais enraizada é a do velho ensinamento do trabalho, feito como maneira de se alçar mais humanidade. Embora com tantos desvios e reviravoltas, penso que, sem deliberações conscientes, tentei extrair o sumo dos sonhos de Francisco e Deolinda, tentei ser fiel a João Luiz Lafetá e tentei construir - cabotidamente? - vínculos que reatassem as discontinuidades e lacunas que vivi.

Síntese curricular

Titulação

Bacharel em Letras Néo-Latinas pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Licenciada pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Mestre em Teoria Literária pelo Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Doutora em Teoria Literária pelo Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Atividades docentes

Atividades no 1º e no 2º graus e em Cursos Pré-Vestibulares

Iniciei minhas atividades docentes em abril de 1975, no Serviço Social da Indústria - Convênio SESI-INPS, com aulas de Francês, e depois Português, tendo me desligado em agosto de 1976.

Paralelamente, assumi atividades de corretora de redações, no Grupo Educacional Equipe, em junho de 1975, tendo permanecido na função até maio de 1978, como corretora do Prof. Aguinaldo José Gonçalves. Desde abril de 1977, assumira também a função de professora de Redação no Curso Pré-Vestibular Decisão (em Santos), onde permaneci até fevereiro de 1978.

Em julho de 1977, assumi, por concurso, o cargo de Professor de 1º e 2º graus, tendo sido lotada na Escola Estadual de 1º e 2º graus "Amadeu Amaral" e, posteriormente, por concurso de remoção, na Escola Estadual de 1º e 2º graus "Júlia Lopes de Almeida" (Osasco - São Paulo) e Escola Estadual de 1º e 2º graus "Carlos Maximiliano". Entre um e outro períodos, atuei durante alguns anos como Membro de Equipe Técnica na

Coordenadoria de Ensino e Normas Pedagógicas (CENP), da Secretaria Estadual de Educação, desempenhando funções junto às Escolas Estaduais Rurais. Permaneci no magistério de 1º e 2º graus até outubro de 1989, quando me exonerei em função do concurso para exercer a função de Professora Auxiliar de Ensino (MS-1) no Departamento de Línguas Orientais e Teoria Literária (posteriormente Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada).

Enquanto trabalhava como professora da Rede Estadual de Ensino, também exerci atividades de docência no ensino privado: de 1981 a 1986, fui professora da "Escola Logos", de 2º grau à época, ministrando cursos de Língua, Literatura e Redação; de março de 1988 a novembro de 1989, pude desenvolver, dada a exigência da oferta de disciplinas optativas, um curso de Crítica de Arte no "Colégio Santa Cruz", trabalhando fundamentalmente com obras cinematográficas e modos de representação.

Ensino no 3º grau

Realizei concurso para exercício de função docente no ano de 1989 no Departamento de Línguas Orientais e Teoria Literária, tendo assumido a função na condição de precária substituta. Permaneci como Professora Auxiliar de Ensino desde setembro de 1989 até abril de 1991, quando de minha defesa de Mestrado. Nesse período assumi as classes de Introdução aos Estudos Literários I e II, respectivamente centralizados no "Estudo analítico do poema" e no "Estudo analítico da prosa de ficção".

Com a defesa do Mestrado, permaneci em funções idênticas, até a rescisão do contrato, uma vez que a professora a quem substituía, Dra. Iumna Maria Simon, retornou de seus afastamentos. Submeti-me a novo processo seletivo, em julho de 1995, tendo sido aprovada na condição de professora precária, MS-2.

Com o avanço de meu trabalho de Doutorado, ministrei curso sobre o Simbolismo e suas relações com a modernidade, na disciplina de Teoria Literária-I, no primeiro semestre de 1996. Neste segundo semestre de 1999, retomei o curso, centralizado na obra de Cruz e Sousa, sob o título "Um canto à margem".

Atividades de Orientação

Desde o início de 1998 desenvolvo atividades de orientação informal com um grupo de oito alunos da Graduação. A partir do interesse por eles demonstrado nas aulas de IEL-II, montamos temas de discussão por eles escolhidos. A partir do primeiro tema - "Literatura e sociedade" - e de um elenco de leituras, debatemos parte da bibliografia teórica e crítica de autores brasileiros (Antonio Candido e Roberto Schwarz, principalmente). No primeiro semestre de 1999, o mesmo tema foi mantido, mas focalizando teorias do romance e da representação no romance. Foram selecionadas as leituras e discussões de capítulos de *Mimesis*, de Auerbach, e de *Questões de literatura e de estética*, de M. Bakhtin.

A partir desses seminários foram surgindo os primeiros esboços de projetos para Iniciação Científica. Em julho de 1999, foi enviado à FAPESP o projeto de Daniela Valle de Loro, intitulado Astutas credices, resultado objetivo das discussões. Na pesquisa, recentemente aprovada pela agência, a aluna pretende analisar "Recado do morro", de Guimarães Rosa, buscando investigar a "redução estrutural" que ali se opera. Dialogando com a tradição crítica sobre Guimarães Rosa, o trabalho não elidirá a interpretação mítico-algorizante - já sedimentada em vários estudos -, mas objetiva articulá-la à leitura histórico-sociológica e suas determinações.

*

Como orientadora em nível de Mestrado, iniciei minhas atividades no segundo semestre de 1998, logo após meu cadastramento na Comissão de Pós-Graduação. Dado o pouco tempo de exercício nessa nova função, não tenho ainda alunos que defenderam Dissertações.

Recebi, no segundo semestre de 1998, quatro orientandos:

- Fernanda Mara Colucci investiga a obra *Maçã no escuro*, de Clarice Lispector, buscando na análise detida do romance e das contribuições da crítica (que serão por ela retomadas) as vinculações entre a gênese da linguagem e a gênese do escritor (o protagonista Martim). Na formação do escritor a aventura criadora supõe a morte da linguagem nocional e a transformação dos modos de existência, presenças constantes na obra de Clarice Lispector. Fernanda Colucci, psicóloga em sua primeira formação e atuando com

autistas, também cursou Letras - e o projeto pretende integrar suas duas áreas de interesse e de atuação profissional. Título provisório da dissertação: Martim: o pescador de palavras.

- Ieda Lebensztayn desenvolve um projeto sobre Graciliano Ramos cujo título provisório é A busca da humana consciência. Preocupa-lhe a investigação crítica de *Caetés* e sua vinculação principalmente com *São Bernardo* e *Angústia*. A análise do romance visa a verificar quais são os ingredientes temáticos e técnico-formais da formação desse escritor, numa aprendizagem posteriormente superada em outra direção estilística. Quanto ao tema, *Caetés* já nucleia questões centrais da produção do autor, o arrivismo e a dinâmica da culpa, em particular; quanto a questões técnico-formais, o "estilo médio" é o conceito mediador que permitirá investigar a construção posterior do modo irônico que marca as outras obras de Graciliano. A aluna pretende também articular a produção de romances e as posições críticas do autor quanto à função da literatura.
- José Eduardo Oliva de Mattos também está voltado para Graciliano Ramos, numa perspectiva diversa, porém. Interessa-lhe desenvolver pesquisa de Literatura Comparada, articulando o romance *Vidas Secas* e a obra cinematográfica de mesmo nome de Nelson Pereira dos Santos. Seus fundamentos críticos acompanham as questões apresentadas por Antonio Candido, em "Literatura e subdesenvolvimento". Assim, pretende investigar as articulações histórico-estéticas entre os anos 30 e os anos 60, além de comparar obra cinematográfica e romance da perspectiva técnico-formal. Título provisório: A ilusão de fato.
- Ricardo Koichi Miyake desenvolve projeto sobre a obra de João Antônio. Sob o título Cidade, malandros e capital, a pesquisa pretende investigar a contística do autor sob o mote da "crônica de costumes". Na análise da representação problemática da vida do "malandro", Ricardo Miyake objetiva encontrar relações entre formas sociais e formas estéticas, especificamente no que se refere ao processo peculiar de nossa modernização, acelerada durante os anos 60. Desse ponto de vista, o centro da análise convergirá para o estudo dos protagonistas "malandros" e de seu olhar e perspectivas na cidade.

No primeiro semestre de 1999 aceitei duas orientandas para o Mestrado. São elas:

- Fátima Ghazzaoui apresentou projeto sobre *Da morte. Odes mínimas*, de Hilda Hilst. Fundada num recorte temático, a aluna pretende não apenas verificar a maneira pela qual

a morte é tratada nesta obra, mas também vincular o tema ao conjunto da produção da autora. Isso exige, a princípio, a articulação deste tema ao do erotismo, bem como de seus significados historicamente determinados: excluída das relações cotidianas na modernidade, a morte torna-se axial na produção lírica de Hilda Hilst que, na revisitação temática e de gêneros, reinterpreta significações. Título provisório: Morte: A possibilidade do dizer.

- Maria Guadalupe Pessoa Nogueira. O projeto, intitulado Bicho de acerba seda, está voltado para o estudo analítico da correspondência de Mário de Andrade, incluída aí a investigação sobre o gênero epistolar e seu exercício peculiar no autor. A princípio interessada na ficcionalização do sujeito, a aluna, psicóloga de formação, pretende utilizar instrumentos da psicanálise para a investigação da "sinceridade" e do "cabotinismo" na epistolografia de Mário de Andrade, sob a perspectiva do projeto pessoal do escritor e seus vínculos com a problemática da solidão do artista na modernidade.

Participação em Bancas (docs. 33)

Trabalhos de Conclusão de Curso

Em 1996, participei da banca do Trabalho de Conclusão de Curso "Paulo Leminski - Um polaco loco paca", do aluno Luís Cláudio Indriúnas. Departamento de Jornalismo da ECA-USP.

Desde a defesa de meu Doutorado, em outubro de 1997, passei a participar de Bancas de Qualificação e de Defesa.

Qualificação - Mestrado

Área de Literatura Brasileira. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. FFLCH-USP. Orientador: Prof. Dr. Valentim Facioli. Candidata: Simone Rossinetti Rufinoni. 4/12/97.

Área de Teoria Literária e Literatura Comparada. Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada. FFLCH-USP. Orientadora. Profa. Dra. Iná Camargo Costa. Eliana Nagamini. 17/6/98.

Área de Literatura Brasileira. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. FFLCH-USP. Orientador: Prof. Dr. Valentim Facioli. Candidato: Fábio Ulanin. 8/12/98.

Área de Literatura Brasileira. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Orientador: Prof. Dr. José Miguel Wisnik. Candidata: Noemi Jaffe Cartum. 26/2/99.

Área de Teoria Literária. Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada. Orientadora: Profa. Dra. Regina Pontieri. Candidata: Cristiane Escolástico. 5/4/99.

Área de Teoria Literária. Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada. Orientadora: Profa. Dra. Cláudia de Arruda Campos. Candidato: Edu Teruki Otsuka. 19/8/99.

Qualificação -Doutorado

Área de Teoria Literária. Departamento de Letras. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto. Orientador: Prof. Dr. Aguinaldo José Gonçalves. Candidato: Paulo Custódio de Oliveira. 1^o/2/99.

Doutorado

Área de Teoria Literária. Departamento de Letras. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto. Orientador: Prof. Dr.: Aguinaldo José Gonçalves. Candidato: Paulo Custódio de Oliveira. 2/6/99

Publicações

(ver Pasta de Publicações)

1. Livros

A caminho do encontro: Uma leitura de Contos Novos. São Paulo: Ateliê/DTLLC-USP, 1999.

Entre o inefável e o infando. (Ensaio premiado no Concurso “Prêmio Cruz e Sousa de Literatura”- Categoria Ensaio). Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura (no prelo: previsão para outubro).

2. Ensaaios e textos didáticos

“Uma leitura de 'Resíduo', de Carlos Drummond de Andrade.” *In: Revista de Letras*. Publicação do CAEL. São Paulo: FFLCH/USP. Ano I, nº 1, 1973, pp. 27 a 36.

"Retalhos de uma experiência com redação". *In: MARCO, Valéria de, e outros (Organizadores). Língua e Literatura: O professor pede a palavra*. São Paulo: Cortez/APLL, 1981, pp. 90 a 95.

"Ação pedagógica em classes multisseriadas. Uma proposta de análise e atuação". *In: RABELLO, Ivone Daré, e GOLDENSTEIN, Marlene. Fundamentos. Projeto Ipê*. São Paulo: SEE/CENP, 1987.

"Subsídios - I: Uma análise de experiências". *In: RABELLO, Ivone Daré, e GOLDENSTEIN, Marlene. Fundamentos*. São Paulo: SEE/CENP, 1987.

"'Reconhecimento de Nêmesis': Momentos do Grã Cão". *In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: IEB, nº 29, 1988, pp. 61 a 73.

"Tecendo identidades: Um estudo de manuscrito de 'O Poço', de Mário de Andrade". *In: Eclosão do manuscrito (Anais do II Encontro de Edição Crítica e Crítica Genética)*. São Paulo: FFLCH/USP, 1990, pp. 257 a 274.

"Literatura" (Testes comentados para preparação para vestibulares). *In: RABELLO, Ivone Daré, e REZENDE, Neide Luzia de. Guia do estudante nº 2. Especial*. São Paulo: Abril/1990, pp. 12 a 18.

"Literatura Brasileira" (Seleção e comentário de testes de 10 universidades públicas). *In: Guia do estudante nº 3. Especial*. São Paulo: Abril/1991, pp. 22 a 29.

"A voz deslocada do desejo. Uma leitura de 'Atrás da Catedral de Ruão', de Mário de Andrade". *In: Artéria*. Santos: SMC. Ano III, nº 4, junho de 1992, pp. 35 a 42.

"Os bastidores vêm à cena". *In: Revista da Biblioteca Mário de Andrade*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura (Departamento de Bibliotecas Públicas). Vol. 50. Jan.-dez./92, pp. 82 a 88.

"Histórias de um Mário menos celebrado". In: *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura (Departamento de Bibliotecas Públicas). Vol. 51. 1993, pp. 89 a 97.

"Entre chacais e árabes". Uma leitura de Kafka. In: *Magma*. Revista dos alunos da Pós-graduação do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada. São Paulo. Out./94, pp. 31 a 40.

"Histórias de Mário". Tentativa de interpretação do contista Mário de Andrade. In: *Letterature d'America*. Bulzoni. Ano XIV, nº 56, 1994, pp.37 a 64.

"Um canto à margem". Perfil do poeta Cruz e Sousa em suas primeiras obras. In: *Literatura e diferença*. IV Congresso ABRALIC (Anais). 31 de julho, 1, 2 e 3 de agosto de 1994. São Paulo: ABRALIC, 1995, pp. 417 a 424.

RABELLO, Ivone Daré, e CAMPOS, Cláudia de Arruda. "Décio de Almeida Prado fala de Paulo Emílio Salles Gomes" (Apresentação e montagem de depoimento de Décio de Almeida Prado). In: *Literatura e sociedade* (Revista do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada). São Paulo, nº 2, 1997, p. 189.

"Prefácio". In : SOARES, Iaponan, e NUNES, Zilma Gesser (organizadores e apresentadores). *Dispersas. Poesia & prosa de Cruz e Sousa*. São Paulo: Giordano/Funesp, 1998, pp. 11 a 18.

"Absurdas fantasias. Espantosas realidades". In: *Inimigo rumor*. Rio: Sette Letras. Abril/98, nº 4. pp. 55 a 75. (A ser reeditado no opúsculo *Experiências de leitores, experiências de leituras: O poema*. Curso de Difusão Cultural promovido pelo DTLLC-FFLCH-USP de abril a junho de 1999.)

"A poesia erótica de Cruz e Sousa" (Convenção e afronta em *Broquéis*). In: *Continente Sul/Sur*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, nº 8, agosto de 1998, pp. 43 a 54.

"A jornada vã". In: *Morcego cego*. Revista de Estudos sobre Poesia. Ano II, nº 2. Florianópolis: Museu/Arquivo da Poesia Manuscrita, 1999, pp. 27 a 42.

"Sossegue, Carlos". *In: Jornal do Equipe*. 1999.

3. Traduções

Gruzinski, Serge. "Do Barroco ao Neo-Barroco. Fontes coloniais dos tempos pós-modernos". Trad.: Ivone Daré Rabello e Sandra G. T. Vasconcelos. *In: CHIAPPINI, Lígia, e AGUIAR, Flávio Wolf de (Organizadores). Literatura e História na América Latina*. São Paulo: EDUSP, 1993, pp. 75 a 89.

Leenhardt, Jacques. "Ángel Rama: Uma figura-chave da crítica latino-americana". Trad.: Ivone Daré Rabello e Sandra G. T. Vasconcelos. *In: CHIAPPINI, Lígia, e AGUIAR, Flávio Wolf de (Organizadores). Literatura e História na América Latina*, cit. pp. 253 a 262.

Nepveu, Pierre. "Poderes do estrangeiro" Trad.: Ivone Daré Rabello e Sandra G. T. Vasconcelos. *In: CHIAPPINI, Lígia, e AGUIAR, Flávio Wolf de (Organizadores). Literatura e História na América Latina*, cit., pp. 163 a 172.

Rivas, Pierre. "Paris como a capital literária da América Latina". Trad.: Ivone Daré Rabello e Sandra G. T. Vasconcelos. *In: CHIAPPINI, Lígia, e AGUIAR, Flávio Wolf de (Organizadores). Literatura e História na América Latina*, cit., pp. 99 a 114.

4. Entrevistas

Entrevista ao *Jornal da UNESP*. Abril/ 98. Ano XIII, nº 123, pp. 8 e 9 ("O poeta das brumas" – matéria de Oscar D'Ambrosio)

Entrevista a Flávio Aguiar, em junho/98, para Programa Piloto – TV- USP

Participação em Encontros Científicos (Organização e Comunicações)

Durante os trabalhos realizados na Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, fui responsável pela organização, junto com o Grupo de Escola Rural, da 4ª Sessão Pública do Fórum de Educação do Estado de São Paulo, de 22 a 23 de agosto de 1984. Como equipe convidada, participamos do Seminário "Tendências e prioridades de currículo na realidade brasileira", realizado pelo Programa de Estudos Pós-graduados em Supervisão e Currículo, da PUC - São Paulo, em novembro de 1984. Também organizamos o Treinamento de Professores em Práticas de Educação Ambiental, entre 6 e 10 de dezembro de 1984; o Treinamento de Novos Professores e Orientadores de UEACs, em abril de 1985; o Encontro de Educadores que atuam em Ensino Rural, em abril de 1985; o Encontro de Docentes afastados para coordenar Núcleos de Escola Rural, em setembro de 1985; o Treinamento de Docentes que atuam em Zona Rural, em novembro de 1985, e o de Agentes de Supervisão que atuam na Zona Rural, em novembro de 1985 (*docs. 34*).

Em 1979, participei da 32ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, com a comunicação "Redação: Das velhas técnicas aos novos métodos".

Em 2 de setembro de 1988, participei do II Encontro de Edição Crítica e Crítica Genética: Eclosão do Manuscrito, com a comunicação "Tecendo identidades: uma leitura dos manuscritos de 'O poço', de Mário de Andrade".

Em 1992, participei da 44ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, no simpósio "Interpretação Literária e Psicanálise", que contou também com as comunicações de Cleusa P. R. Passos, Adélia Bezerra de Menezes e João Luiz Lafetá.

Em agosto de 1994, participei do Congresso da ABRALIC, "Literatura e Diferença", com a comunicação "Um canto à margem: Perfil da poética de Cruz e Sousa", posteriormente publicada.

Aulas, Palestras, Conferências e Cursos

Em 1990, participei do Mini-Curso promovido pela Associação de Professores de Língua e Literatura - APLL - intitulado "Literatura e psicanálise", com a aula "Uma estilização da refeição totêmica", sobre "O peru de Natal", de Mário de Andrade (*doc. 35*).

Em 1991, fui convidada, junto com outros professores, para desenvolver o Programa de Formação para a Leitura - Projeto "Para gostar de ler" -, iniciativa do Departamento de Bibliotecas Públicas da Secretaria Municipal de Cultura, na gestão de Luísa Erundina. Tratava-se de projetos de cursos a serem ministrados em Bibliotecas Públicas afastadas das regiões centrais. A mim coube a Biblioteca "Presidente Kennedy", em Santo Amaro, onde desenvolvi o mini-curso "O texto nascido da História", em agosto e setembro (6 encontros de 3h) (*doc. 36*).

Também em 1991 participei do "Curso Optativo de Português - Teoria e Prática", organizado pela Coordenadoria dos Núcleos de Ação Educativa da Secretaria Municipal de Educação, conveniada com a USP, e destinado a professores de 1º grau da Rede Municipal de Ensino. Desenvolvi com os alunos-professores alguns aspectos da utilização da psicanálise como instrumento auxiliar na interpretação literária, com a análise de "Primeiro de Maio", de Mário de Andrade (*doc. 37*).

No segundo semestre de 1993, a Profa. Cleusa Rios P. Passos convidou-me para ministrar aula em seu curso de Pós-Graduação "Crítica literária: aspectos da abordagem psicanalítica do texto literário". Apresentei, na aula, alguns dos resultados de meu Mestrado, com a leitura de "Vestida de preto" e de "Tempo da camisolinha", de Mário de Andrade, num enfoque em que os instrumentos da psicanálise serviram de material auxiliar imprescindível para a interpretação (*doc. 38*).

No primeiro semestre de 1994, o Prof. João Luiz Lafetá convidou-me para ministrar aula sobre "Psicanálise e Narrativa" em seu curso de Pós-Graduação "Três teorias do romance: alcance, limitações, complementaridade" (*doc. 39*).

Em maio de 1998, ministrei o curso, de 15h, "Cruz e Sousa - Um canto à margem", na Semana/Centenário Cruz e Sousa, organizada pelo Departamento de Língua e Literatura Vernáculas do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina.

Em setembro de 1998, fui convidada para ministrar o Curso, de 20h, "Cruz e Sousa - Um canto à margem", parte dos eventos do Curso de Extensão "VI Semana de Letras" do Departamento de Letras do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário de Rondonópolis.

Em 19 de novembro de 1998, proferi a palestra "A voz dissonante" como parte dos eventos da "Semana Cruz e Sousa" promovida pelo Seminário de Estudos Brasileiros, Setor de Literatura Brasileira do Departamento de Letras Vernáculas do Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Em 20 de novembro de 1998, fui convidada para abrir a "Jornada Cruz e Sousa" no II Encontro Catarinense de Escritores (da União Brasileira de Escritores - Sessão Santa Catarina - e Fundação Cultural de Blumenau), com a palestra "A voz dissonante".

Em 8 de maio de 1999, ministrei a aula "A imagem grotesca e a representação da realidade" como uma das atividades do Curso de Cultura e Extensão "Experiências de leitores, experiências de leituras: O poema", organizado pelo Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, sob a coordenação da equipe composta por mim, Andréa Saad Hossne, Cláudia de Arruda Campos e Viviana Bosi Concagh.

Prêmios

Em 1997, a Fundação Catarinense de Cultura incluiu para a edição de 1998 de seu "Prêmio Cruz e Sousa de Literatura" a categoria Ensaio, em função das comemorações do centenário de morte do poeta. Fui vencedora na categoria, com o ensaio "Entre o inefável e o infando. Vida e obra de Cruz e Sousa".

Em novembro de 1998, a Comissão Estadual para Celebração do Centenário de Morte de Cruz e Sousa, da Secretaria de Cultura de Santa Catarina, atribuiu-me Medalha de Mérito, pelo estudo e divulgação da obra de Cruz e Sousa.

Concursos prestados

Aprovada em concurso para provimento de Cargo de Prof. III, Disciplina Português, da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. 1976.

Aprovada em concurso para provimento de cargo de Prof. III, Disciplina Português, da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. 1980.

Aprovada em concurso interno para preenchimento de vagas na Área de Teoria Literária do Departamento de Línguas Orientais e Literatura Comparada. FFLCH/USP. Março de 1989.

Aprovada em concurso para provimento de cargo de Prof. II e III, Disciplina Português, da Secretaria Municipal de Educação. Janeiro de 1992.

Aprovada em Concurso para contratação de Professor Assistente, MS-2, no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada - FFLCH - USP. Agosto de 1995.

Atividades técnico-administrativas

Em 1990, fui membro do Grupo de Trabalho da disciplina Português, junto à Pró-Reitoria da Graduação, visando a reorganizar os programas de Vestibulares.

Também em 1990 e até a extinção da disciplina, em 1991, fui representante da Comissão dos Cursos de "Estudos Brasileiros", ainda obrigatórios por lei oriunda dos tempos da ditadura.

Entre abril de 1993 e abril de 1995, fui membro da Comissão de Acompanhamento Orçamentário da FFLCH.

Entre abril de 1993 e abril de 1996, fui membro da Comissão de Graduação da FFLCH.

No segundo semestre de 1998 até o final do primeiro semestre de 1999 fui membro do Conselho de Biblioteca da FFLCH.

No mesmo período exerci função na Comissão de Cultura e Extensão Universitária.

Atualmente sou representante da Área de Teoria Literária e Literatura Comparada na Comissão de Pós-Graduação da FFLCH (início da gestão em agosto de 1999).

Também no segundo semestre de 1999 assumi a titularidade como representante de Doutores na Congregação dos Docentes da FFLCH (eleita como suplente, assumi a titularidade a partir da aposentadoria da Profa. Dra. Cláudia de Arruda Campos).

Assessorias e Cursos

Em 1991, atuei como assessora, junto com Ligia Chiappini M. Leite, na Fundação de Desenvolvimento do Escolar, no projeto de seleção de 4000 títulos para Bibliotecas das Escola-piloto da Rede Estadual de Ensino da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo.

Em 1992, fui convidada pela Fundação Vunesp para fazer parte da Banca que organizou o Concurso para provimento de Professor III da Secretaria de Educação e Administração de Mato Grosso do Sul.

Em 1993, a Secretaria de Estado da Educação de São Paulo contatou-me para participar da Banca organizadora do Concurso para Provimento de Cargo de Professor Nível III.

Nos anos de 1994 e 1995, fui convidada pela Divisão de Educação do Instituto da Criança do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP para ministrar o mini-curso "A escrita e o pensamento: organização do discurso" (*docs. 40*).

A partir de 1995, passei a ser convidada semestralmente para participar da Banca de Correção do Concurso Vestibular das FATECs, por vezes também sendo responsável, em parceria, pela preparação da prova de Língua, Literatura e Redação (*docs. 41*).

Em 1997 e 1998, ministrei o curso "Escrita e produção do conhecimento" (32h), promovido pela Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer da Prefeitura Municipal de Santo André (*docs. 42*).

Pareceres

Desde 1994, tenho sido parecerista das Editoras Forte e Cartago, Cortez e Fundação/Editora da Unesp, e da Revista *Magma*, dos alunos da Pós-Graduação do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada.

Em 1995 e 1996, participei como Júri na categoria Poesia dos concursos Nascente V e Nascente VI (*docs. 43*).

Associações

Sou membro associado da Associação dos Docentes da USP desde 1989.

Conselho editorial de Revista

Entre 1994 e 1997 participei da Comissão Editorial da Revista Inderdepartamental *Lingua e Literatura* (*doc. 44*).

Desde o início da publicação até julho de 1999, fui membro da Comissão Editorial da revista *Literatura e Sociedade*, do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, FFLCH-USP (*doc. 45*).

Em 1997, passei a integrar a Comissão Editorial de *Morcego Cego*, Revista de Estudos de Poesia, do Museu/Arquivo da Poesia Manuscrita, de Florianópolis (*doc. 46*).

São Paulo, 23 de setembro de 1999.

Ivone Daré Rabello